



O Poder das Imagens¹: Análise da Vinheta de Abertura da Telenovela “A Favorita”

Ricardo Barbosa Fernandes de SOUSA²
Rogério COSTA³

Universidade Federal do Maranhão, São Luis, MA

Resumo

A telenovela possui um extenso público fiel apesar de persistentemente ser condenada em termos instrutivos. Tais produções que duram até hoje na televisão, dialogam com o emocional dos telespectadores, sendo este, o principal elemento que induz a trama a ser bem sucedida. O objetivo deste artigo, ao analisar a Vinheta de Abertura da Telenovela “A Favorita”, é demonstrar que podemos encontrar, além de identificação emocional, muitas informações e conseqüentemente desmistificar a especificidade passiva atribuída a tais produções.

Palavras-chave: Televisão; Vinheta; Imagem; Telenovela; A Favorita.

1 Introdução

Uma imagem vale mais que mil palavras. Ou melhor, uma imagem é uma fonte de história. Percebe-se o valor que uma imagem possui nos fornecendo percepções de períodos passados. Nos elementos compositivos básicos de uma imagem, podemos decifrar todo o substrato de determinada produção.

As primeiras imagens registradas na história são do período paleolítico. Os desenhos da pedra lascada tinham por principio o naturalismo, já que o artista caçador reproduzia a natureza tal como sua vista captava. O poder da imagem era tanto, que na época havia uma crença: se a imagem de um animal fosse representada mortalmente em desenho, o fato iria se concretizar.

Quantas informações de períodos passados nós temos devido à aparentemente simples imagens? Observamos que a imagem, em suas várias acepções, são verdadeiros depósitos de histórias, seja de ações individuais ou coletivas dos humanos. Estes desenhos carregam em si vestígios, a apreensão da realidade vivida pela pessoa que a produz.

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Área Temática de Comunicação Audiovisual, do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste.

² Estudante do 6º semestre do Curso Comunicação Social – habilitação Rádio e TV da UFMA, email: individuopensante@hotmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor Mestre do Curso de Comunicação Social da UFMA, email: radialistarogeriocosta@gmail.com.



Compreendemos que indica algo que, embora nem sempre remeta ao visível, toma alguns traços emprestados do visual e, de qualquer modo, depende da produção de um sujeito: imaginária ou concreta, a imagem passa por alguém que a produz ou reconhece (Joly, 2002, p. 13)

As imagens nos forneceram grandes préstimos para o entendimento de diversos momentos da história. Mais do que isso, elas são formas de comunicação. A imagem é um elo de comunicação que temos com o tempo e o espaço.

É importante frisar que o termo não remete somente a impressões expressas materialmente. Estas podem assumir uma característica não física. Por exemplo, ao lermos um livro, nos permitimos imaginar a situação lida. O mesmo procede com as rádio novelas, ou qualquer áudio que nos instigue a visualizar o relato.

Não se contesta o fato de, nós como seres racionais, utilizarmos nosso poder de associação constantemente. E na construção de uma identidade visual esse fator não pode deixar de ser desconsiderado. Por exemplo, a imagem de um político em sua campanha, a imagem da empresa e, também, a identidade visual criada para os programas de televisão. Todos esses exemplos incitam operações de alusões mentais que permitem construir a identidade de determinada representação. Adentramos então, no campo da significação das imagens. E para isso, precisamos de uma teoria pertinente a situação.

A semiótica é uma disciplina que estuda as representações da realidade que está em nossa mente. Segundo Lucia Santaella em *Semiótica Aplicada* (2002), A semiótica não é a chave para entendimento dos signos que desconhecemos. O método funciona como um mapa lógico que indica como a análise deve ser conduzida, e isso não significa que ao praticá-la teremos conhecimento da história, teoria e prática de um processo de signos. Estudar qualquer coisa no aspecto semiótico ajuda a entender o processo de entendimento das mensagens e para isso, requer que consideremos o modo de produção de sentido.

O ato de analisar imagens tem por premissa uma função pedagógica. Obviamente isso procede em escolas e universidades, porém o pedagógico aqui não remete somente a estes fins. Esta pode ser feita em qualquer lugar, inclusive na própria mídia que utiliza a mensagem, o que induz ao espectador a fugir da premissa de que os veículos de comunicação, como a televisão, sejam de manipulação.

Demonstrar que a imagem é de fato uma linguagem, uma linguagem específica e heterogênea; que, nessa qualidade, distingue-se do modo real e que, por meio de signos particulares dele, propõe uma representação escolhida e necessariamente orientada; distinguir as principais ferramentas dessa linguagem e o que sua ausência ou sua presença



significam; relativizar sua própria interpretação, ao mesmo tempo que se compreendem seus fundamentos: todas garantias de liberdade intelectual que a análise pedagógica da imagem pode proporcionar. (Joly, op. cit, p. 48)

A publicidade, por exemplo, analisa a imagem com a finalidade de verificar as causas do bom ou mau funcionamento de uma identidade visual. A semiótica contribui significativamente para a melhoria da compreensão dessas mensagens. Dito isto, objetiva-se analisar a abertura de uma das telenovelas de maior contraste em termos de recepção. E talvez pela sua aparente dificuldade no entendimento, nota-se que sua compreensão estava onde menos se espera: na análise da própria vinheta de abertura, na animação com o nome de boa parte dos envolvidos na produção desta telenovela.

2 Por que a favorita?

A Rede Globo foi inaugurada na época da ditadura militar em 1964. Já na década seguinte, 1970, a emissora já se consolida no mercado televisivo. Com o fim da Rede Tupi na década de 80, a Rede Globo detém o monopólio na produção de jornalismo e telenovelas. Sua ascensão a líder de audiência era consequência, visto que conseguiu índices de audiências imbatíveis com sua programação, mesclando o entretenimento das telenovelas e o jornalismo.

Desde os anos 60, os programas de maior audiência estão entre aqueles de apelo popular: as telenovelas e os programas de auditório. Em 1969, já com presença diária, a telenovela, que começou em 1963, passa a ser o produto prioritário nas diferentes redes, com um total de 24 títulos apresentados naquele ano; e, a partir daí, é o elemento de concorrência entre as TVs (Figueredo, 2003, p. 13).

Embora a pioneira no gênero no Brasil tenha sido a Rede Tupi, a TV Globo foi a que mais fez incursões de produtos melodramáticos, e destacou-se por isso. Tanto é que até hoje, logo após o tradicional Jornal Nacional, milhares de brasileiros passam a vivenciar as experiências e evoluções das personagens da tão conhecida “novela das 8”. A razão para tamanha aceitação destas produções está no substrato da telenovela. Esta se enquadra no gênero melodramático, marcado por características bem delineadas.

Em termos estruturais, o melodrama é uma composição simples. Bipolar, estabelece contrastes em nível horizontal e vertical. Horizontalmente,

opõe personagens representativas de valores opostos: vício e virtude. No plano vertical, alterna momentos de extrema desolação e desespero, com outros de serenidade ou de euforia (Huppés, 2000, p. 27).

Tudo que acontece ao longo dos meses em uma telenovela, é para que a ordem seja restabelecida no final: os protagonistas sejam felizes, e principalmente os vilões tenham o castigo proporcional às armações que fizera ao longo da trama. Sendo assim, todo produto melodramático ratifica a boa ordem, que assim deve permanecer.



Figura 1: Site Folha de São Paulo Online destaca a estréia de “A Favorita” sem vilã.

O objeto da análise deste artigo, a novela das 20h da Rede Globo, “A Favorita”, mexeu justamente com a estrutura melodramática. A novela estreou nas telas brasileiras no dia 02 de junho de 2008, sem sabermos quem era a vilã. Os pilares que sustentam o gênero melodramático, o vilão e a mocinha, não estavam determinados no começo da trama. E assim se estendeu por 56 capítulos.

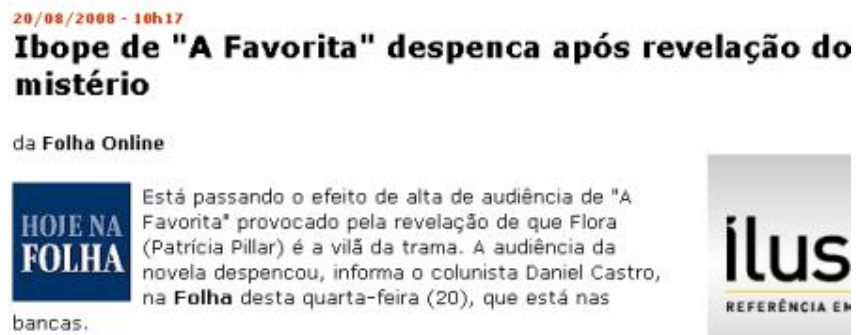


Figura 2: Site Folha de São Paulo Online sobre o ibope após a revelação da vilã na telenovela “A Favorita”.

Se a telenovela brasileira não fosse uma obra aberta, e o suspense em saber quem seria a vilã se arrastasse até o fim da trama, não haveria audiência satisfatória, tendo em

vista que as produções melodramáticas da casa são as mais rentáveis, ainda mais se tratando da principal produção da emissora. Foi um risco mexer nesses pilares. Um risco agradável, e necessário. O quê torna “A Favorita”, uma telenovela que inovou no gênero melodramático, desajustando a existência daquele em quem devemos odiar. Motivo mais do que plausível para ser analisada. Outra razão é o fato da premissa da telenovela ser um tanto quanto confusa, e a vinheta que ilustra o nome dos envolvidos na produção ser muito bem elaborada e pensada, o quê instiga este estudo.

3 A Vinheta de Abertura da Telenovela

A animação começa com a tela dividida ao meio, e assim persiste boa parte dos seus 61 segundos. Duas meninas brincam em lados opostos divididos na tela, sendo uma na cor preta e outra na cor branca. Essas mesmas meninas crescem e viram uma dupla sertaneja. Fica evidente que após muito sucesso, elas seguem caminhos diferentes, quando ficam e olham para lados opostos na tela. Na cena seguinte, aparece um homem aparentando ser muito rico, visto que antes de sua aparição desenhos de construções que remetem a indústria são vistos. Posteriormente, as mulheres olham em direção a este homem, que está no centro da tela. Uma delas, na cor preta, aparece em outra cena, sentada em uma cadeira segurando uma criança, e pela primeira vez a imagem domina a tela inteira. Novamente, vemos as mulheres olhando para o homem no centro da tela. Uma arma aparece sob o fundo vermelho, e dispara uma bala acertando o homem. Este, estirado no chão, fica dividido por um lado branco e outro preto. O homem morre, e em seguida aquela mesma mulher na cor preta que estava sentada com uma criança é vista sendo separada desta, e posteriormente presa. No outro lado, a criança é vista do lado brincando com a rival, na cor branca. Com o passar do tempo, essa criança cresce e fica na mesma posição do homem, dividida entre as mulheres nas cores preta e branca. Surge então o logo da novela a favorita.

É fato que a vinheta de abertura de uma telenovela remete à produção, uma identidade. No caso de “A Favorita”, não poderia ser diferente. Percebe-se que o desenho da animação possui traços fortes e ângulos que sugerem movimento. O quê motiva a agilidade da animação e, conseqüentemente, a da trama. Os excessivos movimentos nos cortes das cenas e a linha central fomentam a dúvida: para qual dos lados olhar ? E, rapidamente associamos a temática central da trama.

De acordo com Luciano Guimarães no livro *Cores na mídia* (2003), uma das ações positivas na correta utilização das cores é a antecipação da mensagem. Modesto Farina em

Psicodinâmica da cores em Comunicação (2000), aponta que as cores impressionam a retina e, conseqüentemente, provocam a reação de construir uma linguagem própria, comunicando uma idéia. Ou seja, as cores possuem um poder de transmissão de mensagens que ultrapassa a barreira lingüística, já que sua mensagem pode ser compreendida inclusive por analfabetos. Por exemplo: Em uma das imagens na animação, aparece uma arma. O fundo nesta cena é vermelho. Ao visualizar a arma, sobre o fundo vermelho, imediatamente associamos a sangue, morte. Na cena seguinte vemos que a arma dispara e acerta um homem. O contexto e a utilização da cor anteciparam a ação, facilitando a compreensão da mensagem.



Figura 3: Imagem da Vinheta de Abertura da Telenovela “A Favorita”.

No começo e no final da animação da abertura da novela vemos um lado da tela na cor violeta, e do outro na cor rosa. De acordo com Modesto Farina, o lado violeta da tela remete a imaturidade emocional e mental. Pessoas com esse perfil têm preferência por essa cor. Une a impulsividade do vermelho e a delicadeza do azul. Soma-se a cor preta neste lado da tela. Dentre as associações materiais que fazemos a esta cor, estão a de sujeiras, coisas escondidas. Da mesma forma que gera associações afetivas de dor, desgraça e intriga.

Já o lado da tela com a cor rosa sugere afeição, feminilidade. Remete a pessoas doces. Somado a este lado da tela, temos a cor branca. Esta cor nos permite fazer associações materiais com coisas claras, limpas. Da mesma forma que nos remete afetivamente a sensações de pureza.

01/06/2009 - 09h22

"A Favorita" começa nesta segunda sem definir vilã

PAULO SAMPAIO
da Folha de S.Paulo, no Rio



Flora e Donatela nasceram pobres, cresceram juntas e chegaram a formar uma dupla sertaneja na juventude. Namoraram, casaram e permaneceram amigas, até que uma delas, ninguém sabe qual (segundo Carneiro, nem ele mesmo), matou Marcelo, marido de Donatela e amante de Flora – que estava grávida. Flora foi acusada do crime, julgada e condenada.

Sai da cadeia no primeiro capítulo, depois de 18 anos presa, disposta a conquistar o amor da filha, Lara (Mariana Ximenes), e colocar os pingos nos is. A menina foi criada por Donatela, que, segundo Flora, é a verdadeira assassina de Marcelo.

Figura 4: Site Folha de São Paulo Online destaca a premissa da novela.

Como visto acima, a premissa da telenovela é confusa. Resumidamente, uma acusa a outra da morte do pai da personagem Lara, interpretada pela atriz Mariana Ximenez. O mistério de quem seria a vilã, que gira em torno dos 56 capítulos anteriores a revelação, estava o tempo todo na vinheta da trama. Em uma das cenas da animação, nota-se que a criança, remetendo a personagem Lara, é separada da mulher na cor preta. E esta, vai para o plano ao lado brincar com a mulher na cor branca. Se a personagem fora criada pela personagem Donatela, interpretada por Claudia Raia, obviamente a mulher na cor branca remete a esta personagem. Logo, a vilã remete a mulher na cor preta, conseqüentemente a personagem Flora, interpretada pela atriz Patrícia Pilar.

O mistério que motivou a audiência em vários capítulos passou despercebido pelos olhos dos telespectadores. Torna-se evidente a clareza da Vinheta após a revelação, mais que isso, torna-se evidente a passividade dos que assistem a trama. Então, ratifica-se a idéia de que as produções massivas não são tão passivas quanto julgam ser. É muito investimento, muitas pessoas trabalhando, pensando em um projeto para ser simplesmente jogado, pejorativamente falando, à categoria de produções que alienam.

4 Considerações finais

As imagens nas pedras no período paleolítico, as pinturas do renascimento, a expressão do dadaísmo são exemplos de algumas imagens que carregam consigo a percepção do autor da obra. Percepção esta, que nos permite associar de alguma forma o momento em tal período. No quadro “O grito” de Edvard Munch, famoso pintor do expressionismo, vemos uma figura mal delineada, devido ao exaltar das emoções que nos

desperta sentimentos de angústia e desespero. Podemos associar a pintura a um fato que aconteceu na época; Em 1883 um tsunami de proporções apocalípticas extinguiu do mapa a ilha de Krakatoa, localizada na Indonésia. Em seu diário, Munch relata que “Passeava pela estrada com dois amigos, olhando o pôr-do-sol, quando o céu de repente se tornou vermelho como sangue, e uma profunda melancolia e tensão se apossou...”. Esses desenhos, que para alguns remetem apenas a meras ilustrações, trata-se de uma percepção de um período pelo qual não vivenciamos. A forma mal desenhada, as cores, o foco, o ângulo, tudo contribuiu para a construção da mensagem. E, de forma consciente ou não, todos nós atribuímos às nossas atividades resquícios da realidade em que vivemos.

A animação da abertura da telenovela “A favorita” foi extremamente pensada e elaborada. Desde a forma das imagens, os traços, até as escolhas das cores, tudo foi pensando e estrategicamente elaborado para que o receptor pudesse receber uma mensagem. Obviamente o fator cultura é crucial para a sua elaboração. Farina aponta em seu livro, que o branco, por exemplo, possui significado diferente para os orientais. Enquanto para nós, ocidentais, o branco remete a paz, vida. Para os orientais traduz a morte, o fim. Apesar de todo o trabalho na produção destas imagens, a mensagem passa despercebida por boa parte dos receptores.

A atividade de associar tudo que é informações que temos em nossa volta já está tão impregnada em nosso cotidiano que não nos damos conta dela própria, e de sua importância. Fica evidente que depois de toda esta análise, a animação na vinheta desta novela traduz a sua trama. O jogo de linhas, cores, contrastes, ângulos nos permite esperar uma trama cheia de contrastes emocionais. Da mesma forma que o suporte sonoro auxilia no processo. Fica, então, evidente que existem mais informações do que se supõe em produções como esta. Aqueles que consideram o gênero de produções melodramáticas de extrema alienação, demonstra-se apenas em uma vinheta que a alienação ao qual afirmam, está naquele que a assiste.

Como exposto, a audiência da novela relativamente subiu no dia da revelação da vilã da trama. Esse mistério, muito bem desenvolvido pelo autor da novela, poderia ser solucionado pela prática de analisar imagens. Atividade esta, de alto valor instrutivo, sem falar que demanda tempo, e só depende do telespectador conscientemente praticá-la.



Referências Bibliográficas

FARINA, Modesto, **Psicodinâmica das cores em comunicação**. 5º ed. São Paulo: Edgard Blusher, 2000.

FIGUEREDO, Ana Maria C, **Teledramaturgia brasileira: arte ou espetáculo?** São Paulo: Paulus, 2003.

HUPPES, Ivete, **Melodrama o gênero e sua permanência**. São Paulo: Ateliê editorial, 2000.

JOLY, Martine, **Introdução à análise da imagem**. São Paulo: Papyrus editora, 2002.

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica aplicada**, São Paulo: Thompson, 2002.

GUIMARAES, Luciano, **Cores na mídia**. São Paulo: Annablume, 2003.

Sites:

www.folhaonline.com.br. Acesso em 27 de dezembro de 2008.

www.globo.com/afavorita. Acesso em 23 de dezembro de 2008.